# Uma reflexão sobre a educação: a dicotomia do papel da escola\* - 15/11/2014

Em nosso país, a escola é obrigatória perante a lei e a sociedade (e deveria  
ser pública e gratuita, em regime totalitário). Mas, com os avanços da  
tecnologia, na sociedade informatizada e globalizada, como avança a escola?  
Qual é o seu papel, atualmente, quando as crianças entendem mais de tecnologia  
que os adultos?  
  
   
  
 Vamos pautar a nossa abordagem em dois aspectos: o papel ideológico da  
educação e a sua importância na economia. Chamaremos de INSTRUÇÃO o saber  
técnico que se aprende na escola e de FORMAÇÃO aquela relativa ao como viver,  
tais designações já caracterizadas por Montaigne, nos idos da Renascença,  
quando a sociedade "renasce" da "idade das trevas" e o nobre deve abandonar  
sua vida de luta empunhando a espada para se converter em nobre no castelo,  
vivendo "em sociedade" (aristocrática). Montaigne propõe um saber que não é  
aquele escolar, mas que prepara para a vida, "que lhe proponham (ao jovem)  
essa diversidade de julgamento e ele escolherá, se puder, do contrário,  
permanecerá na dúvida". Lá, é mais importante ensinar o comportamento - o como  
viver, para o cavalheiro, o bruto.  
  
   
  
 Mas, INSTRUÇÃO significa conhecimento de habilidades visando o mercado de  
trabalho, a formação profissional. Partindo do pressuposto da evolução  
tecnológica que guia a sociedade contemporânea, em constante transformação, o  
jovem deve estar apto a acompanhar as inovações e dar resultado. O mundo  
competitivo exige isso, exige que saíamos do outro lado. Tempo é dinheiro, não  
é mais o processo que é importante, é o produto, como se faz não importa: "se  
vira nos trinta!!!". Aqui abre-se espaço para a ascendência econômica que  
monopoliza o ensino, na medida em que o empresário que investe em educação  
investe buscando um profissional capaz de resolver suas demandas, profissional  
pré moldado. Por outro lado, a tecnologia invade a educação e solicita uma  
fatia do bolo: ensino à distância, conteúdos curriculares em aplicativos para  
computadores de mão. Mais máquina, menos homem: a velha fórmula marxiana. E a  
velha educação não serve mais.  
  
   
  
 FORMAÇÃO é quando a instituição de ensino pauta pela educação inserida na  
sociedade, tendo como pano de fundo as relações dos indivíduos, a divisão de  
classes, o patrimônio cultural do povo. É na escola onde as primeiras relações  
sociais são ensaiadas, relações verticais e horizontais. É aqui que Hannah  
Arendt põe a escola entre a casa e o mundo, é aqui que a autoridade do  
professor é testada num jogo de imposição e arrefecimento, na miscelânea que  
compõe a sala de aula e a escola.  
  
   
  
 Os dois aspectos que comentamos remontam ao surgimento da escola moderna.  
Se, por um lado, a reforma protestante colocou o cristão em contato com Deus,  
por outro, o cidadão francês, fruto da revolução, tinha o direito à educação.  
A INSTRUÇÃO era necessária para o indivíduo ler a Bíblia, a conduta vinha da  
palavra e o acerto de contas com Deus seria feito depois da morte. A Alemanha,  
que perdia guerras para Napoleão, encontrou a causa do problema: soldados não  
escolarizados não estavam aptos para as modernas técnicas de guerra. Mas, na  
França, Condorcet editava um código de leis e diretrizes para a educação que  
valorizasse a cultura e as artes, um projeto universal e igualitário, educação  
iluminista e de soberania individual baseada no progresso do homem, projeto  
liberal (embora, 20 anos antes, os projetos de educação de Rousseau tenham ido  
muito mais na linha da formação ética e política do homem, dentro de sua  
crítica ao progresso da ciências e das artes, porém, ambas as propostas, de  
Rousseau e Condorcet, tratando educação como política de Estado e direito do  
homem). Não haveria mais apelo a uma entidade superior, era a declaração dos  
direitos do homem.  
  
   
 Outro ponto importante e que merece um aprofundamento nesse debate é que uma  
sociedade muito tecnológica não pode se pautar somente pelo progresso, somente  
por soluções tecnológicos porque fica reificada e presa em tal concepção. É  
preciso formar para se valorizar a cultura local e pesar as consequências do  
jogo global. Alternativas são necessárias e devem ser incentivadas.   
   
  
 Então, que escola queremos? Uma que INSTRUA ou que FORME? Ou ambas? A escola  
instrui para o mercado e forma para a sociedade. Ou será que é a sociedade que  
impõe a sua forma/conteúdo ao processo pedagógico? No século passado,  
Bourdieu, em sua sociologia reprodutivista, atesta que a escola termina a  
tarefa iniciada pela família. O \_habitus\_ social ganha corpo na escola e ela  
reproduz a sociedade. De tal maneira, que faz um trabalho alicerçado na  
ideologia de dominação: a educação vem de berço e deve ser continuada, os  
ideais burgueses preservados.  
  
   
  
 Que escola queremos? Seria uma de convergência das exigências? Formar um  
profissional que saiba pensar? Instruir um cidadão a resolver os problemas  
burocráticas que haverá de enfrentar na ciranda do mercado de trabalho? Menos  
escola, mais escola ou não escola? Escola de reprodução social ou escola  
liberal e democrática? Com o pano de fundo da constante mudança da base  
técnica, apoiado em um sistema econômico e financeiro persistente, não podemos  
apelar para teorias utópicas e extravagantes. O homem, que vive, deve,  
necessariamente, trabalhar e produzir, e por isso não podemos nos esquivar da  
discussão. E quem pode apontar para uma luz no fim do túnel é Mészáros.  
Falaremos sobre ele brevemente...  
  
   
  
\* resenha aula de POEB 13/11/2014 - professor Romualdo (com pinceladas apreendidas das questões do ensino de filosofia da FFLCH - Maria das Graças).